

O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resistência na América Latina, África e Ásia

A coletânea de artigos organizada por Mônica Dias Martins, docente da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenadora de pesquisa da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, vem preencher uma lacuna na literatura nacional sobre a atualidade da *questão da terra*. No prefácio, Plínio de Arruda Sampaio resume o *espírito* da obra quando afirma que "(...) a leitura atenta destes ensaios é indispensável para todos quantos desejam viver em sociedades socialmente mais justas e equilibradas e em nações livres, soberanas e prósperas". Tal é o mote dos movimentos sociais rurais – considere-se, por exemplo, a atuação da *Via Campesina* – como articuladores destas reivindicações.

A novidade do livro - tanto para os universitários quanto para os ativistas dos movimentos sociais - traz um triplo sentido. Primeiramente, a coletânea oferece ao leitor de língua portuguesa uma pluralidade ímpar de estudos de caso internacionais sobre a diversidade de processos de reforma agrária. Especificidades nacionais que se encontravam dispersas em livros, *papers* e artigos, escritos em idiomas estrangeiros e, não raro, de consulta difícil, são disponibilizados em português.

Em segundo lugar, a organização da obra obedece ao princípio da pluralidade geográfica das particularidades nacionais e regionais no que tange a diferentes estratégias, políticas e lutas sobre a *questão da ter-*

Eduardo Ernesto Filippi - Doutor em Economia Política pela Université de Versailles e professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O BANCO MUNDIAL E A TERRA: OFENSIVA E RESISTÊNCIA NA AMÉRICA LATINA, ÁFRICA E ÁSIA

ra. Situações nacionais, encontradas nos Continentes Africano, Americano e Asiático, são tratadas por especialistas locais e/ou com vasta experiência acadêmica nos seus respectivos campos de pesquisa. Tal aspecto proporciona ao leitor a credibilidade de narrativa de pesquisadores *in loco* e que situam em primeiro plano as singularidades dos estudos de caso apresentados.

Em terceiro lugar, o livro dissecou o período contemporâneo da *questão da terra*. Com referências ao passado, a quase-totalidade dos artigos refere-se às atualizações político-ideológicas contidas nos processos de reforma agrária em curso nos três continentes que, irmanados pela expressão “Terceiro Mundo” – cunhada pelo demógrafo e economista francês Alfred Sauvy em meados dos anos 1950 – (ainda) aguardam estratégias de desenvolvimento econômico (sustentável).

A matéria geral desta coletânea é a estratégia de “reforma agrária de mercado” capitaneada pelas instituições financeiras internacionais. Dessas, cabe ao Banco Mundial o destaque nas análises contidas nos ensaios. Instituição criada no período do pós-Segunda Guerra Mundial, o Banco Mundial se notabili-

zou por diferentes programas de disponibilização de recursos financeiros para países que desejassem promover políticas de desenvolvimento econômico. Evidentemente, a *questão da terra* associa-se fundamentalmente a tais políticas. Na quase totalidade dos países da África, América Latina e Ásia, contudo, a perenidade e, não raro, a intensificação dos problemas e conflitos agrários, decretaram como moribundas as estratégias escolhidas pela Instituição em suas mais de cinco décadas de existência.

A novidade ideológica que baliza a atual “arquitetura estratégica” do Banco Mundial é o chamado *Consenso de Washington*. Nova panacéia de política econômica estimulada pelas instituições financeiras internacionais no final dos anos 1980 – a chamada “década perdida” – a cartilha do *Consenso de Washington* elegeu a intervenção do Estado como culpada pelas pífitas taxas de crescimento da economia mundial e, de forma particular, da América Latina. Assim, a partir da década de 1990, processos de privatização, acompanhados de programas em “gestão responsável da entidade estatal”, passaram a forjar as políticas públicas. Dentro

dessa nova linha de atuação dos Estados nacionais, a *questão da terra* vem sendo remodelada no sentido de recentrá-la a partir dos imperativos do mercado.

Os textos apresentados partem dos pressupostos expostos há pouco para analisar os avanços (e retrocessos) na política do Banco Mundial para o campo. O trabalho é dividido em quatro partes. Na primeira, *Desafios da reforma agrária no Brasil*, destacam-se quatro artigos críticos que versam sobre as novas políticas implementadas no Brasil no último decênio, particularmente os programas “Cédula da terra” e “Novo mundo rural”.

Na segunda parte da obra, intitulada *Insurgência e reforma agrária na América Latina*, estudos de caso na Colômbia, Guatemala e México atualizam o leitor nos retrocessos sentidos por esses três países – pioneiros em programas de reforma agrária no Continente – no período recente.

Racismo e reforma agrária na África constitui o terceiro módulo da coletânea. As novas políticas de teor agrário na África do Sul e no Zimbábue são trazidas à luz em um momento em que o Continente Africano experimenta o período pós-*apartheid* (África do Sul), ao mesmo tempo repleto de promessas e de desilusões, e a nova divisão de terras proposta pelo presidente do Zimbábue,

antiga Rodésia, país que durante décadas foi o “celeiro da África”.

O quarto segmento do livro dedica-se à *Pobreza e reforma agrária na Ásia*. Os estudos de caso na Índia e na Tailândia revelam para o leitor brasileiro dinâmicas e movimentos sociais rurais bastante próximos àqueles conhecidos no Brasil, ou seja, a pobreza endêmica no meio rural e a titularização das terras.

A importância da obra *O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resistência na América Latina, África e Ásia* reafirma a atualidade e a complexidade do debate contemporâneo sobre a *questão da terra*. A leitura e a reflexão posterior da coletânea de artigos organizada pela professora e pesquisadora Mônica Dias Martins nos provam que problemas nacionais e específicos, tais como a questão indígena, o (novo) racismo e o binômio superpopulação-êxodo rural, não podem ser entregues ao *mercado* tal como postulam as instituições financeiras internacionais. A mensagem subliminar do livro é a de que sem Estado, e sem a necessária compreensão das questões nacionais e regionais, a reforma agrária permanecerá uma utopia.

NOTA

MARTINS, M.D. (Org.). **O Banco Mundial e a terra: ofensiva e resistência na América Latina, África e Ásia**. São Paulo: Varamundo, 2004.